



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2013

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2 hours

70 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

SECÇÃO A

Responda apenas a **duas** perguntas.

PERGUNTA 1 ROMANCE/NOVEL

O país obteve a sua independência mas não se libertou da opressão e exploração, os agentes apenas são outros. Os opressores e exploradores são no pós-independência os próprios moçambicanos que se esqueceram dos ideais da luta de libertação e que têm apenas o propósito de enriquecer. Os cargos de governantes são entregues a indivíduos do sul de Moçambique que desconhecem as línguas e culturas das populações que pretensamente governam, o que dá origem a conflitos que causam a rejeição por parte da população. Destaca-se a seguinte fala: "Falo assim dos nossos atuais chefes. Não devia falar, ainda por cima consigo, um estrangeiro de fora. Ainda assim, falo. Porque esses chefes deviam ser grandes como árvore que dá sombra. Mas têm mais raiz que folha. Tiram muito e dão pouco. Veja esse malfadado do enteado do administrador. Eu lhe encomendei um mau destino: o moço vai morrer de tanta riqueza apressada."

A relação entre explorador e explorado é uma relação de força tal como antes existira entre colonizador e colonizado e que reencontramos frequentemente depois da independência, sendo semelhante à relação que existira antes da independência. Este tipo de relacionamento é criado pelas condições sociais, económicas e políticas (o facto de os representantes das autoridades serem do sul do país), uma minoria aproveitando-se da maioria. Recordemos a última carta do administrador estrangeiro Estevão Jonas (que é considerado estrangeiro ...) quando esse descreve o sonho que teve: *Noutro dia até tive um sonho. Nós fazíamos as cerimónias chamado os nossos heróis do passado. Vieram o Tzunguine, o Madiduane e os outros que combateram os colonos. Sentámos com eles e lhes pedimos para colocar ordem no mundo nosso de hoje. Que expulsassem os novos colonos que tanto sofrimento provocavam na nossa gente. Nessa mesma noite acordei com Tzunguine e o Madiduane me sacundindo e me ordenando que me levantasse.*

- Que estão fazendo, meus heróis?
- Você não pediu que expulsássemos os opressores?
- Sim, pedi.
- Pois então estamos expulsando a si.
- A mim!?
- A si e aos outros que abusam do Poder.

[35]

OU

1. A resposta a esta questão encontra-se acima, na primeira opção desta pergunta. (10)
2. Transcreve-se o excerto de um artigo cuja referência se encontra no fim do mesmo:

Estas aves são mencionadas por duas personagens da história, precisamente o pai e a mãe do tradutor-narrador. No entanto, enquanto o pai vive episódios dolorosos da sua infância com os flamingos, sendo obrigado a caçá-los e a comê-los, eles pertencem ao imaginário da mãe que, no final da tarde, assistia ao vôo desses pássaros, religiosamente, como se fosse um momento sagrado e cantava para que eles voltassem no dia seguinte. O narrador recorda esses instantes: "para ela, os flamingos eram eles que empurravam o sol para que o dia chegasse ao outro lado

do mundo". De facto, a simbologia inerente aos flamingos é fundamental em toda a obra. A lenda do flamingo tinha acontecido num lugar onde não existia noite e era sempre dia, até ao momento em que o flamingo resolve fazer o seu último voo para fora daquele mundo. Ele queria dirigir -se às estrelas: "Queria ir onde não há sombra, nem mapa. Lá onde tudo é luz. Mas nunca chega a ser dia". O pássaro queria conhecer a noite e embelezou-se para estar à altura daquele derradeiro voo. Quando alcançou os céus, parecia a própria luz a voar e conseguiu espalhar as suas cores no horizonte. Transformou o azul em rosa, roxo e lilás: "Nascia, assim, o primeiro poente". O conhecimento dessa crença permite-nos intuir que o flamingo simboliza um novo começo, a novidade. O próprio narrador da obra busca o novo, o inédito: "*Que eu tenha mentido, isso não aceito. Mas o que passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram*". Segundo Nunes: "Mia lega-nos uma novidade e surpresa nas suas obras [...] Seja ela designada como criação, recriação ou mesmo 'brinciação' [...] o certo é que cativa, chama a atenção do leitor". Conclui-se então que a narrativa coutiana traz a novidade, contudo adverte Perrone -Moisés: "o conceito de novidade não é uma total novidade". Assim Mia não rompe totalmente com a tradição, apenas *veste a sua obra de uma nova roupagem*.

No desfecho da obra, Tizangara, metonímia de Moçambique, desaparece; é uma nação comida pela terra e lançada no abismo pelos antepassados que não viam solução para os seus males. Restando apenas o tradutor-narrador e o italiano Massimo Risi à beira do abismo, estes resolvem, por fim, sentar-se e esperar por outro flamingo.

Mia Couto soube criar o suspense para que passemos toda a narrativa a descobrir a causa das explosões dos soldados. Ao cabo – como diria Couto – importa mais conhecer o destino de um país que desaparece inteiramente. Apesar da crítica irónica e contundente empreendida em relação ao atual Moçambique, apresenta -se o desenlace em aberto, ouviu-se o "canto que traz de volta os flamingos", insinuando, nas entrelinhas textuais, que nem tudo está definitivamente perdido: pode-se reinvestir "na palavra o mágico reinício de tudo"!

O final do romance revela uma região que parece ter explodido completamente, restando um imenso precipício. É o caos, que precipita o homem ao fim de um ciclo ou ao (re) início dos dias, acarretando desespero ou esperança quanto ao futuro do país: "Num súbito: acordei em sobressalto (...) olhei para o lado e quase desfaleci: ali mesmo, onde estava a terra, não havia paisagem, nem sequer chão. Estávamos na margem de um infinito buraco."

Esse acontecimento é um convite a refletir sobre o panorama de um país arrasado pelos problemas sociais. (Revista África e Africanidades - Ano I - n. 2 – Agosto. 2008, <www.africaeaficanidades.com>)

(10)

3. Visita de Massimo Risi ao padre Muhando na prisão.

Várias vezes se ouvira o sacerdote insultando Deus pelas ruas públicas. Morria uma criança, indefesa contra o sofrimento, e Muhando saía da igreja e desafiava o Criador, ofendendo-o em frente de todos. (...)

- *É verdade que ofende Deus?*
- *Qual Deus?*
- *Bom ... Deus.*
- *Ah, esse. É verdade, sim. Eu insulto-O quando ele se descomporta. (...)*

Subiu a um caixote e espreitou pela janela. Chamou-nos para eu espreitássemos.

- *Veja. É ali que converso com Deus.*

- *Porquê ali?*
- *É ali que estão as pegadas de Deus. (...)*
- *Deus se ajoelhou ali, naquele descamado – disse Muhando apontando o rio- . Um joelho neste lado de cá e outro na outra margem, além. Ele se debruçou ali matar a sede. (...)*

Dizem que Ele bebeu, bebeu, bebeu até matar a sede de todas as fontes. Olhou o firmamento, fechou o Sol nos olhos. Demasiada luz: tudo ficou miragem. Do seu rosto, por um instante cego, surgiu o Homem. Aquele era o primeiro homem. Dos olhos de Deus, feridos de tanto brilho, deslizou uma lágrima. Dessa +água, escapou uma mulher. Aquele era a primeira Mulher. E ambos, Homem e Mulher, desandaram por entre os caniçais das margens dos rios.

- 3.1 A fala do padre Muhando revela um indivíduo consciente de todos os problemas existentes no país que analisa com equilíbrio. As suas explosões de revolta e de insulto a Deus exteriorizam a sua indignação contra o sistema que não desenvolva o país social e economicamente, sendo as crianças vítimas inocentes das desigualdades sociais e económicas. Implicitamente há também uma crítica ao catolicismo. (5)
- 3.2 Se o educador tiver abordado o livro em todas as suas possíveis linhas de análise, os candidatos saberão responder a esta questão. Espera-se, por isso, que seja abordado o seguinte:

O padre Muhando encarna uma realidade existente tanto na África como na América do Sul e na Ásia. O Padre Muhando representa o dualismo religioso, que é uma mistura de cultura popular eivada de sobrevivência de crenças africanas associada e adaptada à religião católica. O hibridismo religioso contribui para a definição da identidade cultural do país. Este fenómeno constata-se tanto nos centros urbanos mais desenvolvidos como nos menos desenvolvidos. Nos meios rurais, alguns padres naturais da terra podem retornar em parte às crenças e até práticas tradicionais, que talvez alguns nunca tivessem abandonado, concomitantemente com as práticas católicas. O facto de o padre Muhando invocar o mito tradicional da criação confirma esse hibridismo religioso. (10)

[35]

35 marks

PERGUNTA 2 CONTO/SHORT STORY

1.
 - Introdução (dois primeiros parágrafos): apresentação das personagens e descrição do ambiente em que vivem.
 - Desenvolvimento (até ao penúltimo parágrafo): descoberta do tesouro, decisão de partilha e esforços para eliminar os concorrentes.
 - Conclusão (dois últimos parágrafos): Situação final.

Em termos do desenvolvimento da obra, também podemos considerar a seguinte tripartição: (1) A descoberta do tesouro e a tomada de decisão de o partilhar; (2) Rui e Rostabal decidem matar Guanes; Guanes e Rostabal são mortos; (3) Rui apodera-se do cofre mas morre envenenado.

A articulação das sequências narrativas (momentos de avanço, que fazem avançar a trama, nos quais o narrador heterodiegético se detém na situação temporal, espacial e pessoal das personagens) faz-se por encadeamento, isto é, por ordenação sequencial dos eventos. Os momentos de pausa (que correspondem a descrições de espaço, objectos e personagens e a reflexões ou considerações) abrem e fecham a narrativa e interrompem regularmente a narração.

(8)

2. Estamos perante uma narrativa fechada em relação aos três irmãos porque se sabe que os três morrem no fim. O tesouro, porém, continua no mesmo sítio, intocado, sem se saber o que lhe acontece, correspondendo isto ao conceito de narrativa aberta.

(5)

3. Tempo. A referência ao "Reino das Astúrias" permite localizar a ação por volta do século IX, visto que os árabes invadiram a península ibérica em 711, isto é, no século VIII, tendo-se prolongado a invasão e a ocupação por vários anos; por outro lado, no século X encontramos já constituído o Reino de Leão, que sucedeu ao das Astúrias.

A ação decorre entre o inverno e a primavera, mas concentra-se num domingo de primavera, estendendo-se de manhã até à noite. O inverno está conotado com as referências à escuridão, à noite, ao sono, à morte. É no inverno que nos são apresentadas as personagens, envoltas na decadência económica, no isolamento social e na degradação moral (*E a miséria tornara estes senhores mais bravios que lobos.*). Por sua vez, a primavera tem uma conotação positiva, associa-se à luz, à cor, ao renascimento da natureza, sugere uma vida nova, enquanto o domingo é um dia santo, favorável ao renascimento espiritual.

A ação central inicia-se na manhã de domingo e progride durante o dia. À medida que a noite se aproxima, a tragédia vai-se preparando. Quando tudo termina, com a morte sucessiva dos irmãos, surge a noite (*Anoiteceu.*).

A ação estende-se do inverno à primavera e o seu núcleo central concentra-se num dia, desde a manhã até à noite. A condensação de um tempo da história tão longo (presumivelmente três ou quatro meses) numa narrativa curta (conto) implica a utilização sistemática de sumários ou resumos (processo pelo qual o tempo do discurso é menor do que o tempo da história). Nos momentos mais significativos da ação (decisão de repartir o tesouro e partilha das chaves, bem como a argumentação de Rui para excluir Guanes da partilha) o tempo do discurso tende para a isocronia (igual duração do tempo da história e do tempo do discurso), sem no entanto a atingir.

É possível também identificar no texto um outro processo de redução do tempo da história, que é a elipse (eliminação, do discurso, de períodos mais ou menos longos da história). A parte inicial da ação é localizada no inverno (...*passavam eles as tardes desse Inverno...*) e logo a seguir o narrador remete-nos para a primavera (*Ora, na Primavera, por uma silenciosa manhã de domingo...*).

Quanto à ordenação dos acontecimentos, predomina o respeito pela sequência cronológica. Só na parte final nos surge um recuo no tempo, quando o narrador abandona a postura de observador e adota uma focalização omnisciente, para revelar o modo como Guanes tinha planejado o envenenamento dos irmãos, manifestando dessa forma a natureza traiçoeira do seu carácter.

Frequentemente, o recuo do tempo permite esconder da narração pormenores importantes para a compreensão dos acontecimentos, mantendo assim um suspense favorável à tensão dramática.

Espaço. A ação localiza-se nas Astúrias. A parte inicial decorre nos "Paços de Medranhos" e a parte central passa-se na mata de Roquelanes. Somente o episódio do envenenamento do vinho é situado num local um pouco mais longínquo, na vila de Retorquillo.

O paço dos Medranhos é descrito negativamente, por exclusão (...*a que o vento da serra levava vidraça e telha...*), e os três irmãos circulam entre a cozinha (sem luz, nem comida) e a estrebaria, onde dormem, *para aproveitar o calor das três éguas lazarentas*.

O facto de três fidalgos passarem os seus dias entre a cozinha e a estrebaria, os lugares menos nobres de um palácio, é significativo: caracteriza bem o grau de decadência económica em que vivem. A miséria em que vivem é acompanhada por uma degradação moral que o narrador não esconde (*E a miséria tornara estes senhores mais bravios que lobos.*).

De igual modo, o espaço exterior, a mata de Roquelanes, não é um simples cenário onde decorre a ação. As descrições da natureza têm também um carácter significativo. A "relva nova de Abril", manifestação visível do renascimento da natureza, sugere o renascimento espiritual que as personagens, como veremos, não são capazes de concretizar. Do mesmo modo, a "moita de espinheiros" e a "cova de rocha" simbolizam as dificuldades, os sacrifícios, que é necessário enfrentar para alcançar o objeto pretendido — são obstáculos que é necessário ultrapassar.

A natureza, calma, pacífica, renascente (...*um fio de água, brotando entre rochas, caía sobre uma vasta laje escavada, onde fazia como um tanque, claro e quieto, antes de se escoar para as relvas altas.*), contrasta com o espaço interior das personagens, que facilmente imaginamos inquietas, agitadas, perturbadas pela visão do ouro e ansiosas por dele se apoderarem, com exclusão dos demais. Enquanto isso *as duas éguas retouçavam a boa erva pintalgada de papoulas e botões-de-ouro*. Esse contraste tinha já sido posto em evidência antes, depois dos três terem contemplado o ouro (... *estalaram a rir, num riso de tão larga rajada que as folhas tenras dos olmos, em roda, tremiam...*). E, quando Rui e Rostabal esperam, emboscados, o irmão, *um vento leve arrepiou na encosta as folhas dos álamos*, como se a natureza sentisse o horror do crime que estava para ser cometido. Depois de assassinado Guanes, os dois regressam à *clareira onde o sol já não dourava as folhas*.

[<<http://crasesemcrise.blogspot.com/2011/05/o-tesouro-eca-de-queiros-resumo.html>>]

(12)

4. De acordo com a tradição, uma família é formada pelo pai, pela mãe e pelos filhos mas, no caso dos três irmãos de 'O Tesouro', a família não está completa e, atendendo ao desenrolar da acção, pode-se considerar uma família imperfeita. Não existe qualquer menção aos pais, não se sabe como teria sido a infância dos irmãos, como teriam sido educados, etc., como se os progenitores nunca tivessem existido. Esta omissão na narração é como um símbolo da sua ausência na educação dos filhos. Sem a presença das figuras paterna e materna, Rui, Guanes e Rostabal não poderiam desenvolver sentimentos humanos: vivem como 'lobos', porque, infere-se, cresceram como lobos, sozinhos e cada um deles tendo de sobreviver por si próprio e tratar da sua própria vida.

Rui, Guanes e Rostabal não foram capazes de constituir as suas próprias famílias, do mesmo modo que eles, apesar dos laços de sangue e de viverem juntos, não formam uma família e sempre pela mesma razão: porque são incapazes de sentir o amor. As personagens começam por ser apresentadas coletivamente ("Os três irmãos de Medranhos..."), mas à medida que decorre a acção, a sua caracterização vai-se individualizando, mostrando o predomínio do egoísmo individual sobre a aparente fraternidade. A caracterização individual confirma a explicação: Rui é gordo e ruivo. É sensato, mas calculista e traiçoeiro. Guanes tem a pele negra, pescoço de grou, enrugado, sendo desconfiado, calculista e traiçoeiro. Rostabal é alto, tem cabelo comprido, barba longa, olhos raiados de sangue. É ingénuo e obstinado.

Os três irmãos não tiveram a fundação que lhes proporcionasse o sentimento do amor, bem como os sentimentos de fraternidade, justiça, solidariedade, partilha.

(10)
[35]

OU

Na leitura do conto ressalta de imediato a referência insistente ao número **três**. O três, de todos os números, é aquele que carrega maior carga simbólica. São três os irmãos; e o três é também um símbolo da família — pai, mãe, filho(s) — que não existe.

O **tesouro** está guardado num cofre . Um cofre protege, preserva, permite que o seu conteúdo permaneça intocado ao longo do tempo. **A sua utilização é significativa do carácter precioso do conteúdo. Igualmente significativo é o facto de o cofre ser de ferro, material resistente, simultaneamente, à força e à corrupção.**

Três fechaduras preservam o conteúdo do cofre (Da curiosidade? Da cobiça? Da apropriação indevida? ...), mas **três** chaves permitem abri-lo sem dificuldade. Mas note-se que nenhuma delas, só por si, é capaz de abrir o cofre, apenas as três em conjunto. O simbolismo aqui é evidente. Só a cooperação dos três proprietários permite aceder ao tesouro. É pela solidariedade, pela cooperação, pela convergência de interesses e esforços que é possível alcançar o 'tesouro'. Momentaneamente, os três cooperaram, e foi-lhes permitido contemplar o 'tesouro'. Contudo não souberam manter esse espírito de cooperação, por isso não lhes foi permitido possuir o 'tesouro'.

Quando Rui expõe a estratégia a seguir, o número 'três' volta a aparecer insistentemente (...*três alforjes de couro, três maquinas de cevada, três empadões de carne e três botelhas de vinho.*), como que a sublinhar o irredutível individualismo que os vai conduzir à tragédia.

Por outro lado, o **ouro**, material precioso e incorruptível, é ele próprio símbolo de perfeição. Obviamente, para além do seu valor material, simboliza a salvação, a elevação a uma forma superior de vida, mais espiritual, menos animal. É esse o verdadeiro bem, o **verdadeiro tesouro**. Os fidalgos de Medranhos vivem

mergulhados na decadência material e na degradação moral. Não se lhes conhece uma atividade útil, um sentimento mais elevado, um afeto. Vivem com os animais e como animais. Mas para eles, como para todo o ser humano, há uma possibilidade de redenção. O 'tesouro' está ali, à sua frente, é possível alcançá-lo; mas, para isso, é necessário enfrentar dificuldades, largar a cobiça, vencer o egoísmo, criar laços de solidariedade e verdadeira fraternidade.

Frequentemente, na narrativa, a tragédia é anunciada antecipadamente por indícios, que as personagens ignoram, mas não passam despercebidos ao leitor atento. É o caso da cantiga que Guanes entoa ao dirigir-se à vila e continua a cantarolar quando regressa: *Olé! Olé!/Sale la cruz de la iglesia,/Vestida de negro luto ...*

A 'cruz' e o 'negro luto' são referências claras à morte que Guanes planeia para os irmãos. Mas ironicamente prenuncia também a sua própria morte. Nenhuma das três personagens é capaz de reconhecer esse sinal.

Outro indício trágico são as duas garrafas de **vinho** (que aquecia o **sangue**) que Guanes trouxe de Retorquilha. Rui estranha o facto, mas não suspeita da traição. Se as personagens fossem capazes de interpretar esses indícios poderiam fugir ao destino. Mas são incapazes disso e é desse lento aproximar do desenlace e da incapacidade das personagens para o evitar que resulta a dimensão trágica da narrativa.

Faz-se referência à ausência de vidraça e **telha** na casa dos irmãos no primeiro momento. No segundo, a **telha** é citada fazendo parte da imaginação de Rui. Segundo a simbologia, 'telha' significa proteção, mas quando o ambiente é destelhado, as más influências corrompem o homem. "... o vento da serra levava vidraça e telha, passavam eles tardes desse inverno ...", "... pensava em Medranhos coberto de telha nova, nas altas chamas da lareira por noites de neve ...". O vinho, segundo a simbologia, representa **sangue**. Sangue este, derramado por todos os personagens do conto. A figura do **corvo** aparece no conto por mais de uma vez. Segundo a simbologia, o corvo representa mau agouro, é a ave negra dos românticos. "Um bando de corvos passou sobre eles, grasnando"

[<http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/analises_completas/o/o_tesouro>]

[35]

35 marks

PERGUNTA 3 PEÇA DE TEATRO/DRAMA

Espera-se que os candidatos expliquem a situação que o fez decidir ser mendigo, a vingança social, e que nessa explicação incluam uma caracterização detalhada do Mendigo – a sapiência, a vasta cultura de que é dotado, a riqueza, o cálculo no enriquecimento, etc. Toda a resposta deve ser integrada na crítica social, na resistência democrática à ditadura no Brasil e nas ideias marxistas expressas pelo Mendigo.

[35]

OU

1. A frase refere-se à vingança social iniciada pelo Mendigo pelo facto de ter sido roubado. Considera esse ato uma injustiça social consequência do capitalismo, por isso decide reaver o que lhe foi retirado. A resposta deve ser mais desenvolvida. (6)
2. A fala do Mendigo reflete o grau de organização por ele criada na senda da vingança social. Implícita, a crítica social e religiosa. Subjacente, o conceito das aparências, as coisas não são aquilo que parecem. Espera-se uma resposta muito mais desenvolvida. (6)
3. O Mendigo revela as suas ideias marxistas de divisão da riqueza frisando que a luta entre os ricos e os pobres é uma luta desigual na qual o pobre sai vencido. Por isso resolvera tirar da sociedade o que esta lhe devia. A resposta deve ser mais desenvolvida nas linhas da crítica social contida na peça de teatro. (6)
4. Se após a resposta às perguntas anteriores os candidatos não souberem responder a esta, infere-se que não perceberam a obra. Nomeiam-se aqui apenas alguns temas: crítica ao capitalismo; crítica social; crítica à desigualdade, crítica à religião; crítica à fé falsa, à falsa religiosidade; crítica à igreja como sustentáculo da ditadura; crítica à injustiça social. (7)
5. Ainda hoje são pertinentes os temas mencionados nas respostas anteriores. Poderemos acrescentar a exclusão social, a ética nos relacionamentos, a diferença de idade nos relacionamentos afectivos, e o contraponto entre a juventude e a maturidade, beleza e inteligência, os efeitos negativos do capitalismo. (10)

[35]

35 marks

PERGUNTA 4 POESIA/POETRY

Na composição poética acima constata-se que o eu-poético, longe da terra natal, se sente como isolada. Afirma que a distância não a mudou, e examina os seus gestos para saber se é a mesma. Revela fraternidade e solidariedade para com o seu irmão angolano, descrevendo a essência africana

A poesia de Alda Lara sempre se caracterizou pela alusão e defesa dos oprimidos, particularmente das mulheres e crianças. Nos seus poemas exterioriza fraternidade, solidariedade e desejo de paz.

A poesia de Alda Lara detém-se sobre problemáticas sociais, assumindo, por isso, o papel de denúncia. Alda Lara pretende mostrar o que é 'ser africano'.

O poema em questão caracteriza-se pela oralidade que se utiliza nas línguas africanas, tornando-se, assim, numa forte 'arma' contra o poder do colonizador que despreza os idiomas dos colonizados, rejeitando, conseqüentemente, o direito à sua identidade. A Mãe-África é uma constante da poesia de Alda Lara, assumindo o papel de metáfora da nação. Os cenários poéticos são criados com o detalhe de uma natureza africana – Alda Lara sempre se sentiu angolana – e assumem outros significados. As descrições apresentadas numa dualidade ou conexão íntima mulher/África representam a fertilidade que faz reviver a pátria que não é esquecida pelo sujeito-poético, facto que ele deseja que não seja esquecido porque se sente primeiro e sempre um angolano. A referência a Mãe-África representa uma relação implícita com o homem livre, e o sol conota liberdade e vida.

Há a destacar os versos exclamativos, os versos reticentes a conotarem o parar do discorrer do eu da enunciação que nesses momentos é levado de volta à sua terra e se detém na recordação, o ritmo rápido próprio da oralidade, os encavalgamentos a reforçarem a oralidade e a manifestarem o entusiasmo do eu-poético, a incidência de vogais abertas (que devem ser indicadas) a conotarem o prazer da recordação e o amor pela pátria, os sons nasais de *transbordando*, *imundos*, *dormentes*, *inchada*, *fundo* na crítica à realidade social e à desigualdade. Há ainda outros sons consonânticos que devem ser analisados e indicados.

Espera-se ainda que o poema seja dividido nos seus andamentos e cada um deles explicado e que seja feita a análise da estrutura externa.

[35]

OU

1. O poema salienta o sofrimento das famílias dos navegantes que enfrentam mares bravos e tenebrosos em busca de riquezas que depois serão utilizadas pelas classes ricas e elevadas, ignorando ou minimizando que as riquezas ostentadas são fruto de grande tormento.

(5)

2. O som nasal cria uma atmosfera medonha, assustadora, e dado que o mar e o vento estão personificados (o vento ... põe-se, rindo e assobiando; as brancas ondas ... são altas serras iradas), essa atmosfera revela-se como que uma vingança da natureza por os navegantes se atreverem a enfrentar regiões e meios desconhecidos. O preço é o sofrimento.

e o vento doido, cavando,

cavando nas águas bravas,

põe-se, rindo e assobiando,

A redundância do gerúndio 'cavando' propicia a visualização de ondas que se quebram de uma altura imensurável, sendo os barcos levados a esses picos e depois precipitados no abismo que se abre entre o vão das ondas, 'As brancas ondas, quebrando'. O som em questão reforça a ideia de inúmeras e prolongadas tempestades. A redundância do gerúndio 'chorando' intensifica o sofrimento igualmente prolongado das mulheres, que não têm notícias dos seus entes queridos, sustentado pela forma 'espr'ando'. Esta forma verbal aponta para a esperança que as não abandona, mas também para uma espera longa e inútil. Em 'rolando', as lágrimas são levadas pelas águas até às profundezas dos oceanos e mais tarde apanhadas e ostentadas por aquelas que desconhecem todo o sofrimento desde o processo de criação das pérolas até que cheguem aos seus pescoços.

(7)

3. 3.1 Neste caso a repetição da estrutura não se pode considerar uma anáfora, mas paralelismo. De uma maneira geral, paralelismo significa toda a forma de construção que reproduz um mesmo esquema, sobretudo se se trata de correspondências verticais entre as frases, como é o caso deste poema.

(3)

- 3.2 No caso desta composição poética, a repetição da mesma estrutura sintática manifesta a intensidade e a dilatação do sofrimento, que se repete até atingir o anti-clímax da última estância.

(5)

4. Versos de redondilha-maior.

(2)

5. *De/ bru / ça / das / pa / ra as / on / das*
1 2 3 4 5 6 7

Contam-se as sílabas métricas até à sílaba tónica da última palavra do verso, descartando-se as outras sílabas. No verso acima destaca-se a sinalefa da sexta sílaba.

(6)

6. As cinco primeiras estâncias desenvolvam a situação de sofrimento tanto dos navegantes como das suas famílias, até se atingir o climax na quinta estância, na qual as mulheres já são consideradas viúvas e os familiares mortos, propiciando a informação sobre a passagem do tempo.

A última estância é o anti-clímax e uma ironia, pois enquanto umas mulheres sofrem e desesperam, outras divertem-se em salões em que ostentam as pérolas.

(7)

[35]

35 marks

Total: 70 marks